

"Esqueça ... E o vento levou. Uma história que vai prender o leitor e exigir ser devorada."

– MINNEAPOLIS STAR TRIBUNE

Kathleen Grissom

ESCRAVAS DE CORAGEM

*A história de uma escrava branca e o amor
inabalável por sua família negra*



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para meus amados pais,
Ted e Catherine Doepker,
e para minha querida mentora,
Eleanor Drewry Dolan*

PRÓLOGO

1810

Lavinia

HAVIA UM CHEIRO FORTE de fumaça e um novo medo me impulsionou. Já na trilha conhecida, avancei em disparada, desatenta à minha filha que vinha correndo atrás de mim, tentando me acompanhar. Minhas pernas estavam dormentes, desacostumadas àquela velocidade, e meus pulmões pareciam ressecados. Proibi-me de pensar que era tarde demais e concentrei todas as minhas forças em seguir para casa.

Cometi um erro tolo de cálculo e, na intenção de pegar um atalho para o rio, me desviei da trilha e disparei pelo arvoredo. Para meu horror, vi-me presa numa armadilha.

Puxei minha saia azul comprida, para soltá-la dos espinhos das amoreiras que me enredavam. Enquanto eu avançava aos trancos, Elly me alcançou. Agarrou-se ao meu braço, soluçando e tentando me deter. Embora uma menina de 7 anos não seja páreo para uma mulher adulta, ela lutou furiosamente, com forças fomentadas por seu próprio pavor. No meu frenesi, derrubei-a no chão e ela me lançou um olhar incrédulo.

– Fique aqui – implorei, e voltei a disparar trilha abaixo até chegar ao rio.

Pretendia atravessá-lo pisando nas pedras da parte rasa, mas não tirei os sapatos, o que foi um erro. No meio do caminho, escorreguei e caí, espirrando água por todos os lados. A temperatura fria me deixou em choque e, por um instante, fiquei sentada, aturdida, vendo a água borbulhar, até que ergui os olhos e reconheci nosso defumadouro do outro lado do rio. A construção cinzenta lembrou-me de que eu estava perto de casa. Levantei-me, com as saias encharcadas e pesadas, e segui pela água, trôpega, segurando-me nas pedras que se projetavam pelo caminho.

Na base do morro, curvei-me para a frente, arfante, tentando tomar ar. De algum modo, Elly me alcançara de novo e, dessa vez, agarrou-se a minhas saias molhadas feito um gatinho. Senti pavor do que ela poderia ver, mas já era tarde, por isso segurei-a pela mão e subimos juntas até o alto do morro. Ao chegar lá, parei. Elly também viu e soltou um gemido. Sua mão escorregou da minha e ela se sentou no chão. Avancei devagar, como se caminhasse num sonho.

Nosso enorme carvalho erguia-se no cume do morro, as folhas viçosas da copa fazendo sombra no galho grosso que suportava o peso do corpo pendurado. Recusei-me a olhar de novo para cima depois de ter visto o lenço verde e os sapatos feitos à mão que apontavam para baixo.

CAPÍTULO 1

1791

Lavinia

NAQUELA PRIMAVERA DE 1791, eu não entendia que o trauma da perda afetara minha memória. Só sabia que, depois de acordar, espremida entre caixotes e sacos, fiquei aterrorizada ao descobrir que não sabia onde me encontrava e não conseguia lembrar meu nome. Estava fragilizada, após meses de árdua viagem, e, quando o homem me levantou da carroça, agarrei-me a seus ombros largos. Ele pareceu não gostar e, sem esforço, soltou meus braços para me pôr no chão. Comecei a chorar e tornei a estender os braços para ele, mas o homem me empurrou para o negro idoso que vinha correndo em nossa direção.

– Leve-a, Jacob – disse o homem. – Entregue-a a Belle. É dela, para a cozinha.

– Sim, senhor, capitão. – O velho manteve os olhos baixos.

– James! James, você chegou!

Um grito de mulher! Esperançosa, ergui os olhos para a casa enorme diante de mim. Era revestida de ripas de madeira pintadas de branco. Uma varanda ampla emoldurava toda a fachada. Em ambos os lados dos largos degraus da entrada havia uma coluna muito alta, na qual se enroscavam glicínias violeta e verdes, cuja fragrância inundava o ar nessa manhã de início de abril.

– James, por que você não mandou avisar? – cantarolou a mulher na névoa matutina.

Com as mãos nas cadeiras, o homem inclinou-se para trás, para ter uma visão melhor dela.

– Estou avisando, mulher. Vim para casa por sua causa. É melhor você vir aqui antes que eu suba aí.

Lá no alto, numa janela que parecia abrir-se até o piso, a mulher riu, uma figura que parecia espuma branca, encimada por ondas de cabelos castanho-avermelhados.

– Ah, não, James. Trate de ficar longe de mim até tomar um banho.

– Sra. Pyke, prepare-se! – gritou ele, e cruzou a soleira num salto. Lá dentro, continuou sua algazarra. – Onde estão todos? – ouvi-o chamar. – Cheguei!

Comecei a correr atrás dele, mas o velho escuro segurou meu braço e me

deteve. Como resisti, ele me pegou no colo e gritei de pavor. Ele me levou depressa para os fundos da casa. Estávamos no alto de um morro e, ao longe, colinas menores nos cercavam. Uma corneta soou, o que me assustou ainda mais, e comecei a bater no meu captor, que me deu uma boa sacudida.

– Vancê para já com isso! – disse. Olhei para ele, com a sua estranha pele castanho-escura, que tanto contrastava com o cabelo branco, e aquele seu dialeto muito estranho, que eu mal conseguia entender. – Pra que suncê tá brigano comigo? – perguntou.

Exausta daquilo tudo, recostei a cabeça no ombro magro do homem, que continuou andando para a casa da cozinha.

– Belle? – chamou o velho. – Belle?

– Tio Jacob? Entre – respondeu uma voz feminina.

A porta de madeira rangeu quando ele a abriu com o pé.

O tio Jacob deixou-me escorregar de seu colo e me pôs de pé, enquanto uma moça descia a escada devagar e se aproximava, amarrando depressa uma faixa de chita verde em volta de uma trança grossa de cabelo preto e brilhante. Seus grandes olhos verdes se arregalaram de incredulidade ao me fitar. Consolou-me ver que ela não parecia tão estranha quanto o homem que me levava até lá, porque, embora sua pele castanho-clara também fosse diferente da minha, seus traços faciais eram mais parecidos com os meus.

– O capitão mandô essa menina pr'ocê – disse o tio Jacob. – Diz que é pra casa da cozinha.

– O que é que aquele homem tem na cabeça? Não vê que ela é branca? – A mulher abaixou-se diante de mim e me fez girar. – Você andou doente? – perguntou, franzindo o nariz. – Tenho que queimar essa roupa. Você está que é só osso. Quer comer alguma coisa?

Ela tirou meu dedo da boca e me perguntou se eu sabia falar. Não consegui encontrar minha voz e olhei em volta, tentando me situar.

Belle foi até a enorme lareira que se estendia por toda a largura do cômodo. Verteu leite pelando numa caneca de madeira. Quando a encostou na minha boca, engasguei com o leite e meu corpo teve um tremor involuntário. Vomitei e desmaiei.

Acordei num catre em um quarto do andar de cima, amedrontada demais para me mexer, depois de perceber que continuava sem memória. Minha cabeça doía, mas, quando a esfreguei, tirei as mãos num susto. Meu cabelo comprido havia sido cortado.

Tinham me lavado e esfregado até me deixar com a pele cor-de-rosa e sensível sob a camisola marrom de tecido rústico. Senti o estômago embrulhar com o aroma de comida que subia pela escada, vindo da cozinha. Meu polegar me serviu de consolo e me acalmei observando o quarto. Havia roupas penduradas em ganchos na parede e, de um lado, uma cama com armação e estrado de madeira, junto à qual ficava um roupeiro pequeno e simples. O sol entrava por uma janela aberta e sem cortinas, e lá de fora veio uma súbita risada de criança. Aquilo me soou familiar e, esquecendo-me de todo o resto, corri para a janela. A luminosidade era tão forte que precisei das duas mãos para proteger os olhos. A primeira coisa que avistei foi o verde que se estendia em ondas, mas sob a janela vi uma trilha. Ela cortava uma grande horta cercada e levava a uma casa de toras de madeira, em cujos degraus de entrada sentavam-se duas garotinhas de pele castanho-escura. Estavam observando uma cena lá para os lados da casa-grande. Debrucei mais na janela e vi um carvalho imponente. Sentada no balanço pendurado num galho baixo e grosso, uma garotinha cantava para um menino atrás dela.

Quando ele empurrava o balanço, a menina, loura e toda vestida de azul, dava gritinhos agudos. O menino alto ria. Ali estava outra vez: uma risada que eu reconhecia! Movida pela esperança, desci correndo a escada de madeira, saí pela porta aberta da cozinha e subi a encosta em direção a eles. O menino puxou o balanço para fazê-lo parar e os dois me olharam, boquiabertos. Ambos tinham olhos azuis bastante vivos e emanavam um ar vibrante e saudável.

– Quem é você? De onde você veio? – perguntou o menino, cujo cabelo louro cintilava sob a luz forte.

Só consegui ficar olhando, muda de decepção. Eu não o conhecia.

– Eu sou o Marshall – o menino tentou de novo –, e esta é a minha irmã, Sally.

– Eu tenho 4 anos – disse Sally. – Quantos anos você tem? – Bateu os sapatinhos azuis no ar e me olhou por baixo da aba mole de uma touca branca.

Não consegui achar a voz para responder e por isso senti uma onda de gratidão quando Marshall desviou a atenção de mim, sacudindo o balanço:

– Quantos anos eu tenho? – perguntou à irmã.

– Você tem 2 – respondeu Sally, tentando cutucá-lo com o pé.

– Não tenho, não! – Marshall riu. – Tenho 11.

– Não, você tem 2 – provocou Sally, divertindo-se com a brincadeira deles.

De repente, fui arrebatada pelos braços de Belle.

– Volte pra dentro – disse ela, em tom ríspido. – Você fica comigo.

Dentro da casa da cozinha, Belle me sentou num catre de canto, diante de uma mulher castanho-escura que amamentava um bebê. Fiquei olhando,

sedenta daquela intimidade. A mãe me olhou e, embora seu rosto fosse jovem, tinha olheiras profundas.

– Como ocê se chama? – ela me perguntou. Como não respondi, prosseguiu: – Este aqui é meu bebê, Henry, e eu sou a mãe dele, Dory.

De repente, o bebê largou o seio e soltou um grito alto e agudo. Enfiei o dedo na boca e recuei, me encolhendo.

Sem saber o que esperavam de mim, fiquei quieta num catre da cozinha. Naqueles primeiros dias, estudei todos os movimentos de Belle. Eu não tinha apetite e, quando ela insistia em me fazer comer, meu estômago se esvaziava com violência. Toda vez que eu vomitava, tinha que limpar tudo de novo. À medida que a frustração da Belle comigo aumentava, crescia também meu medo de aborrecê-la. Eu dormia num enxergão num canto do quarto dela, no andar de cima. Na segunda noite, sem conseguir dormir, fiquei parada junto à sua cama, tranquilizada pelo som suave de sua respiração.

Devo tê-la assustado, porque, quando acordou, gritou para eu voltar para a minha cama. Voltei esbaforida, mais apavorada do que nunca.

A escuridão me assombrava e a cada noite eu mergulhava mais na minha perda. A cabeça latejava, na luta para tentar me lembrar de alguma coisa sobre meu passado. Felizmente, o alívio da minha tristeza vinha pouco antes do nascer do sol, quando os galos e a corneta chamavam todo mundo para se levantar. Então, outra mulher, a Mama Mae, juntava-se a Belle na cozinha. As duas trabalhavam com desembaraço, mas logo intuí que, embora Belle mandasse na cozinha, a Mama Mae mandava em Belle. Era uma mulher corpulenta, embora nada nela fosse flácido. Era uma pessoa séria, que se movia feito uma correnteza, e sua rapidez deixava claro que ela não gostava de preguiça. Segurava um cachimbo de espiga de milho entre os dentes manchados de fumo. Raras vezes o acendia, embora mastigasse a ponteira e, com o tempo, concluí que o cachimbo tinha para ela a mesma função do polegar para mim. Eu poderia ter sentido mais medo, não fosse ela ter me dado desde cedo a bênção do seu sorriso. Nessa hora, seu rosto castanho-escuro, suas feições achatadas e seus olhos negros franziam-se numa expressão de bondade.

Nos dias que se seguiram, não tentei mais comer e dormi quase o tempo todo. De manhã, Mama Mae me examinava, sob o olhar da Belle, do outro lado do quarto.

– É só teimosia dela. Quando consigo que coma, ela devolve tudo, então, agora só vou lhe dar água. Logo, logo, ela fica com fome – disse Belle, um dia.

A Mama segurou meu rosto com sua mão forte.

– Belle! – exclamou, em tom ríspido. – Essa criança não tá de briga c'ocê. Tá é muito doente. Ocê percisa fazer a menina comer, senão perde ela.

– Não sei por que o capitão me deu essa menina. Já tenho trabalho demais.

– Belle, ocê já pensou que quando eu sube que iam lhe passar pra casa da cozinha, foi isso que eu pensei de ocê?

– Bem, mas com certeza eu não tava fazendo uma sujeirada, vomitando tudo na senhora.

– Não, mas ocê tinha mais ou menos a mesma idade, uns 6, 7 anos, naquela época. E era nascida e criada aqui, mas, assim mesmo, era malcomportada – repreendeu-a a Mama Mae.

Belle calou-se, mas, depois disso, foi menos brusca comigo.

Mais tarde, no mesmo dia, Mama Mae matou uma galinha. Fez um caldo para mim e, pela primeira vez, meu estômago tolerou alguma coisa além de água. Após alguns dias desse caldo curativo, comecei a comer e a reter alimentos sólidos. Quando voltei a ficar mais alerta, a Belle passou a me fazer perguntas. Por fim, reunindo toda a minha coragem, consegui transmitir a ideia de que eu não tinha memória. Não sei se por meu sotaque estrangeiro ou se pela surpresa da Belle com minha informação, ela me olhou fixo, sem acreditar. Para meu enorme alívio, não me fez mais perguntas. E, então, mal as coisas haviam começado a se acomodar, nós duas fomos chamadas à casa-grande.

Belle ficou nervosa. Atrapalhou-se com um pente, tentando me arrumar, até que, frustrada, acabou enrolando um lenço na minha cabeça, para cobrir a banguça que era o meu cabelo picotado. Vesti um camisão marrom limpo, que descia abaixo do meu joelho e por cima do qual a Belle amarrou um avental branco, costurado às pressas com um pedaço de pano de cozinha.

– Não chupe o dedo – ordenou, tirando o polegar inchado da minha boca. Abaixou-se até a minha altura e me forçou a encará-la. – Quando ela perguntar alguma coisa, você diz “sim, nhá dona”. É só isso que você diz: “Sim, nhá dona.” Está entendendo?

Não entendi muito do que se esperava de mim, mas assenti, aflita para aplacar a ansiedade da Belle.

Fui atrás dela, bem de perto, pela trilha de tijolos que levava à varanda dos fundos. O tio Jacob fez um aceno solene com a cabeça, enquanto segurava a porta.

– Limpa os pé – disse.

Parei para sacudir a poeira fina e a areia dos meus pés descalços, e então senti

a madeira lisa, muito encerada, ao atravessar a soleira. Lá adiante, a porta da frente estava aberta e uma brisa leve soprava pelo corredor comprido, passando por mim e saindo pela porta dos fundos. Nessa primeira manhã, não notei a cômoda alta de mogno postada como uma sentinela no corredor, nem vi o grande *tullipier* azul e branco, orgulhosamente exibido como a mais recente aquisição do outro lado do oceano. Lembro-me com muita clareza, porém, do pavor que senti ao ser levada à sala de jantar.

– Ora, ora, aí estão elas! – ressoou a voz do capitão.

Ao me ver, a pequena Sally gritou:

– Olha, Marshall! É a menina da cozinha. Posso brincar com ela, mamãe?

– Fique longe dela – respondeu a mulher. – A menina parece doente. James!

O que é...

– Fique tranquila, Martha. Não tive escolha. Os pais morreram e me deviam pela travessia. Ou ela vinha comigo, ou eu teria que vendê-la como aprendiz. A menina estava doente. Não me dariam nada por ela.

– Ela estava sozinha?

– Não. Tinha um irmão, mas ele foi bem fácil de recolocar.

– Por que o senhor a mandou para a casa da cozinha? – perguntou Marshall.

– O que mais eu podia fazer? – retrucou o pai. – Ela tem que ser treinada para ter alguma serventia.

– Mas, por que com ela? – insistiu Marshall, com um sinal da cabeça para Belle.

– Já chega, filho – disse o capitão, acenando com a mão para que eu me aproximasse. – Venha cá, venha cá.

Embora ele estivesse barbeado e vestido como um cavalheiro, reconheci-o como o homem que me tirara da carroça. Não era alto, mas seu porte e seu vozeirão tornavam sua presença marcante. O cabelo grisalho estava amarrado para trás, e os olhos de um azul vivo espiavam por cima dos óculos. O capitão olhou para além de mim e perguntou:

– Como vai você, Belle?

– Bem, capitão – respondeu ela, em voz baixa.

– Você está muito bem – disse ele, e seus olhos lhe sorriram.

– É claro que ela está bem, James, por que não estaria? Olhe para ela. Uma moça muito bonita. Não lhe falta nada, chefiando uma cozinha com tão pouca idade e praticamente dona de sua bela casa. Você pode escolher entre muitos pretendentes, não é, Belle? – A mulher foi falando depressa, com a voz esganiçada, apoiando o cotovelo na mesa e puxando repetidamente uma mecha fugidia do cabelo ruivo.

– Não é, Belle? Eles não vivem indo e vindo? – perguntou, com insistência.

– Sim, nhá dona – respondeu Belle, com voz tensa.

– Venha, venha – interrompeu o capitão, e voltou a fazer sinal para eu me aproximar. Mais perto dele, concentrei-me nas rugas fundas que marcavam seu rosto curtido quando ele sorria. – Você tem ajudado na cozinha?

– Sim, nhá dona – resmunguei, com a voz rouca, aflita para seguir as instruções da Belle.

A sala explodiu numa gargalhada, embora eu notasse que o menino, Marshall, não tinha rido.

– Ela disse “sim, nhá dona” para o senhor, papai – riu Sally.

O capitão deu um risinho.

– Eu lhe pareço uma “nhá dona”?

Insegura da minha resposta, pois não compreendia essa forma de tratamento pouco conhecida, fiz que sim, ansiosa. E ouviu-se nova gargalhada.

De repente, o capitão virou-se e sua voz ribombou:

– Fanny! Beattie! Devagar, senão vocês vão nos abanar para fora da sala!

Foi nessa hora que notei as duas garotinhas de pele escura e me lembrei delas naquele primeiro dia, quando estavam sentadas nos degraus de entrada da cabana de toras. Pelas conversas na cozinha, eu ficara sabendo que elas eram as gêmeas de 6 anos da Mama Mae. Nesse momento, estavam do outro lado da mesa, cada uma puxando uma corda. As cordas prendiam-se a um grande abano pendurado no teto, que, quando puxado, batia as asas sobre a mesa de jantar, como se fosse uma borboleta gigante, e com isso criava uma corrente de ar. Com a agitação das risadas, o entusiasmo delas começou a ventilar demais a sala; após o grito do capitão, porém, seus olhos pretos assumiram um ar solene e os puxões nas cordas ficaram mais lentos.

O capitão tornou a se virar para nós.

– Belle, você se saiu bem. Conseguiu mantê-la viva – disse. Deu uma olhada nuns papéis à sua frente e falou diretamente comigo, depois de ler por alto uma página. – Vejamos. Você logo fará 7 anos. Está certo?

Eu não sabia.

No silêncio, Sally cantarolou:

– Eu tenho 4 anos.

– Já chega, Sally – disse D. Martha, com um suspiro, e o capitão deu uma piscadela para sua mulher. Quando tirou os óculos para me examinar melhor, senti-me zozza sob o seu escrutínio. – Você não sabe quantos anos tem? O seu pai era professor; ele não lhe ensinou os números?

Meu pai, pensei. Eu tenho pai?

– Quando você se sentir mais forte, quero que trabalhe na cozinha – continuou. – Pode fazer isso?

Eu estava com dor no peito e era difícil respirar, mas confirmei com um aceno da cabeça.

– Ótimo. Nesse caso, vamos mantê-la aqui até você crescer. – Fez uma pausa.

– Quer perguntar alguma coisa?

Minha necessidade de saber ultrapassou o meu pavor. Cheguei mais perto dele:

– Meu nome – consegui murmurar.

– Como? O que você quer dizer com seu nome? – perguntou o capitão.

Belle apressou-se a falar:

– Ela não sabe como se chama.

O capitão olhou para Belle como quem esperasse uma explicação. Sem receber nenhuma, tornou a olhar para os papéis à sua frente. Tossiu antes de responder:

– Diz aqui que o seu nome é Lavinia. Lavinia McCarten.

Agarrei-me a essa informação como a um bote salva-vidas. Não me lembro de ter saído daquela sala, mas voltei à tona num catre na cozinha, entreouvindo o tio Jacob e a Belle conversarem sobre o capitão. Ele ia partir de novo na manhã seguinte, disse Belle, que esperava receber uma visita dele nessa noite.

– Você vai pedir aqueles papéis? – indagou tio Jacob.

Belle não respondeu.

– Você diz pra ele que tá precisando deles já. Siá Martha tá de olho noê. O capitão sabe que ela toma aquelas gota preta, mas num sabe que ela bebe junto o licor de pêssego. Você tá ficando mais bonita a cada dia que passa, e depois daquela bebida toda, quando Siá Martha pega naquele espelho, ela vê que tá parecendo mais veia que os 30 anos que tem. Ela tá atrás de você e, passando o tempo, só vai piorar.

A voz de Belle, em geral decidida, soou acanhada:

– Mas, tio, eu não quero ir embora. Aqui é a minha casa. Vocês todos são minha família.

– Belle, você sabe que tem que ir.

A conversa acabou quando o tio Jacob me viu de olhos abertos.

– Ora, ora, ora. A menina Abinia acordou – disse ele.

Belle se aproximou de mim.

– Lavinia – disse, afastando meu cabelo da testa. – Esse nome é parecido com você.

Olhei-a, depois desviei o rosto. Eu estava mais perdida que nunca, porque não sentia a menor ligação com esse nome.

Na tarde seguinte, fui mandada para a casa da Mama Mae junto com ela. Não queria sair da casa da cozinha, mas a Belle insistiu. A Mama disse que suas

gêmeas, Fanny e Beattie, as duas meninas que eu vira acionando o abanador, estariam lá comigo. No caminho, ela segurou minha mão e me mostrou que a casa da cozinha ficava a uma distância muito pequena da sua cabana miúda.

Lá chegando, a Fanny e a Beattie vieram nos receber. Fiquei mais para trás, querendo continuar perto da Mama Mae, mas as meninas estavam ansiosas por uma nova amiga para brincar. Puxaram-me para um canto da cabana miúda, para uma prateleira que fora escavada numa das toras de madeira e onde elas guardavam os seus tesouros.

A mais alta, Fanny, era quem liderava, tendo os olhos ágeis e a fala direta da mãe; seus braços e pernas pareciam os de uma potrinha. Beattie era baixa e rechonchuda, já bonita, com um sorriso largo, enfatizado por duas covinhas fundas.

– Olha – instruiu Fanny, enquanto ia tirando brinquedos da prateleira.

Entregou-me uma mesa e duas cadeirinhas próprias para uma boneca, feitas de pequenos gravetos atados com pedacinhos de tendão de animais. Beattie me mostrou sua boneca e a ofereceu para que eu a segurasse. Agarrei-a com tanta avidez que a menina hesitou, mas seu espírito generoso saiu ganhando e ela soltou o brinquedo.

– Foi a mamãe que fez – disse com orgulho, dando uma olhadela para a Mama Mae.

Segurei a preciosidade de Beattie com o coração doído de saudade. A boneca era de um tecido marrom áspero, com olhos de pontos de linha preta e uma lâ preta espichada formando as tranças. Alisei o camião da boneca, de corte igual ao que eu e as gêmeas usávamos. Ela tinha um avental vermelho, que reconheci ser do mesmo tecido do lenço da cabeça da Mama Mae.

Quando começou a escurecer, a Dory e o bebê Henry vieram ficar conosco. Os dois visitavam com frequência a casa da cozinha, onde eu ficara sabendo que ela era a filha mais velha da Mama Mae. Eu gostava da Dory, porque ela me deixava sossegada, mas não gostava do neném, com seu choro estridente.

Apesar de me distrair com as meninas e suas brincadeiras, continuei de olho na presença tranquilizadora da Mama Mae. Quando a porta se abriu de repente, um homem escuro e enorme, parecendo um urso, foi emoldurado pelo céu noturno, que era ainda mais preto. Voei para o lado da Mama. Fanny e Beattie levantaram-se, atabalhoadas, e correram para o homem, que pegou as duas no colo. “Papai!”, gritaram. Depois que ele as soltou, voltaram para suas brincadeiras e, incentivada pela Mama Mae, fui brincar com elas.

– Noite, Dory – disse a voz do homem, muito grave; e, ao parar junto à mãe do neném Henry, sua manzorra cobriu o alto da cabeça da filha. – Como vai o seu fiote?

– Tá muito bom não, papai – respondeu Dory, sem levantar os olhos do banco em que amamentava o filho. O menino se agitou quando ela puxou com delicadeza as suas mãozinhas inchadas, para mostrá-las ao pai. – Quando fica com as mão grande assim, ele chora o tempo todo.

O pai dela se curvou e, com o nó de um dos dedos, bateu de leve na bochecha do bebê. Quando endireitou o corpo, deu um suspiro e alguns passos gigantes-cos, indo para junto da Mama Mae. As meninas deram risinhos e tamparam os olhos quando o pai estendeu as mãos para a Mama, puxando-a para si e fungando seu pescoço, de brincadeira.

– George! – exclamou ela, rindo, e depois o enxotou.

Ao dar um passo atrás, ele cruzou o olhar com o meu e fez um aceno com a cabeça. Virei depressa para o outro lado.

A Belle estava esperando visita, disse a Mama ao homem, como que para explicar a minha presença, e o casal se entreolhou, antes de a Mama Mae virar-se de novo para a lareira. Serviu o guisado de um caldeirão preto, pendurado acima do lume vivo, e o Papa George pôs as tigelas de madeira cheias na mesa estreita. Depois, tirou os pedaços de carvão que estavam sobre a tampa de outra panela preta de ferro, aninhada nas cinzas quentes, e dela retirou um bolo de milho redondo e fumegante, de bordas douradas e crocantes.

Os três adultos puxaram os banquinhos para a mesa, e Fanny e Beattie me puseram entre elas ao começarem a comer. Mas tudo parecia estranho, e eu queria a familiaridade da casa da cozinha. Sem apetite, fiquei olhando a comida e, quando a Mama me instruiu a comer, desatei a chorar.

– Vem cá, Abinia – disse ela. Quando cheguei perto, colocou-me no colo. – Criança, ocê tem de cumê. Percisa de um pouco de carne nesses osso. Olha, eu boto isso no molho pr'ocê, e ocê come pra ficar forte que nem a Mama.

As gêmeas riram:

– Nhora tá tratando ela igualzinho a um bebê, mamãe – disse Fanny.

– Bom, vai ver que ela é o meu novo bebê, e eu tenho que lhe dar de cumê. Então, abre a boca, nenenzinha.

Eu queria tanto aquele tratamento maternal que comi a broa de milho que ela foi mergulhando no molho grosso de presunto. Ela continuou a me dar de comer, enquanto falava da partida do capitão e de como os nervos de sinhá Martha estavam de novo fora de controle.

A Dory disse que tinha de voltar para a casa-grande nessa noite, porque era impossível saber o que a D. Martha ia fazer quando o capitão fosse embora de manhã. A Mama Mae falou do quanto gostaria de poder ficar com ela, para que a Dory pudesse ficar com seu bebê.

Dory respondeu com um suspiro profundo:

– Nhora sabe que sou eu que ela quer. – E a Mama concordou.

Quase havíamos terminado a refeição quando ouvimos vozes abafadas do lado de fora. O Papa George começou a se levantar e eu senti um frio na barriga quando a Mama me empurrou depressa para o lado.

– Não, George! – disse ela, ficando de pé. – Eu vou mais a Dory. Não vai ser bom pra ninguém botar outro homem nesse caldeirão.

Ouvi passos que se aproximavam correndo e, quando a porta se escancarou, Belle entrou, esbaforida. Estava sem o lenço verde da cabeça e com a costureira trança noturna desfeita. Mama Mae a puxou para dentro, antes de correr para o lado de fora com a Dory. Belle encostou-se na parede, arfando, depois endireitou o corpo e andou até a mesa, sentando-se em frente ao Papa George.

– Dessa vez, ela desceu atrás dele – disse. – Nunca fez isso antes. E o Marshall veio junto. Quando viu o pente novo e o livro que ele me deu, ela pegou os dois e jogou em cima de mim. Aí o Marshall danou a me empurrar e me bater. O capitão agarrou ele e o jogou porta afora, mas aí a D. Martha começou a chorar e a bater nele. Ele disse: “Martha, Martha, controle-se”, mas ela tava tão agitada que ele me mandou buscar a Mama.

Belle pôs os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça entre as mãos.

O Papa George meneou a cabeça:

– Ocê pediu os papel da alforria? – perguntou.

– Ele falou que me dá no próximo verão.

O ar estalou com a raiva do Papa George, que, ao se levantar, empurrou a mesa com tanta força que duas tigelas de madeira voaram para o chão.

– Ano que vem! Ano que vem! É sempre da próxima vez! Vai acontecer alguma coisa aqui, se ele num te der esses papel!

Quando a porta fechou atrás dele, sem aviso algum vomitei meu jantar, e isso me deixou mais surpresa do que a qualquer um. Mas também senti certo alívio, porque meu ato involuntário pareceu devolver à Belle a capacidade de se concentrar e se acalmar, enquanto me limpava.

As gêmeas ficaram olhando da sua enxerga, com o bebê Henry dormindo junto delas. Depois que terminou de me limpar, Belle me pôs sentada com elas e arrumou a sala. Quando ficou tudo em ordem, ela se aproximou de nós, pegou delicadamente no colo o bebê adormecido e fez sinal para que eu a acompanhasse. Todas nos assustamos ao ouvir um som de batidas fortes do lado de fora, mas, com a repetição, Fanny identificou sua origem.

– É o pai cortando lenha de novo – cochichou.

Ao sairmos para a casa da Belle, a luz branca do luar só deixava sombras do outro lado da cabana, onde o Papa George estava trabalhando.

– Papa? – chamou Belle, baixinho. – Papa?

As batidas pararam.

– Não se preocupe, Papa. Eu arranjo os papéis – disse ela para o silêncio.

CAPÍTULO 2

Belle

A MAMA DISSE: “MAIS UMA VEZ, o capitão só ficou em casa tempo bastante pra deixar tudo de pernas pro ar.”

E ela tem razão, como sempre. Que ideia foi essa de me dar essa menina doente? De dia ela não consegue reter a comida e de noite me assusta, sentada lá no escuro, parecendo avoadada.

É claro, o capitão é conhecido por isto, essa história de ir e vir sem dizer nada a ninguém. A Mama diz que ele sempre foi assim. E tem razão, porque eu sei o que ela sabe. Quando eu era pequena e morava na casa-grande, ficava esperando a carruagem dele na porta da frente e lá vinha ele pelos fundos, montado num cavalo. Na vez seguinte, quando eu esperava o cavalo, ele chegava puxando uma carroça carregada.

Eu nunca sabia quando ele vinha nem como. Mas com certeza, de um jeito ou de outro, ele sempre voltava.

Naquela época, a minha avó branca, a Sra. Pyke, era quem cuidava disto aqui. O pai do capitão tinha morrido cedo. Caiu de um cavalo, a vovó contava. O capitão era só um garotinho de 9 anos e ficou muito triste, e por isso, no ano seguinte, a Sra. Pyke o mandou estudar em Londres, na esperança de que ele virasse advogado. Mas, quando voltou para casa, aos 19 anos, ele só queria saber de ir de novo para a água.

“Por que ele não fica?” eu perguntava sempre que ele partia, e vovó dizia que ele tinha seu negócio do navio e que estava fazendo a parte dele pra manter este lugar funcionando. Quando ele vinha em casa, vovó sempre dizia que aqui estava tudo bem. Não falava nada sobre ele ficar pra ajudar na fazenda.

A Sra. Pyke me criou na casa-grande e me ensinou tudo, igualzinho a uma menina branca. Até a ler e escrever. Dizia que não havia razão pra eu agir como se não soubesse das coisas, só por ser metade negra. Sentávamos à mesa, ela e eu, e a Mama Mae trazia a comida. A Sra. Pyke me ensinou a usar guarda-
napo e a sentar direito. E me levava pra cavalgar com ela, pra ter certeza de que os campos estavam sendo cultivados. E aí, num dia igual a qualquer outro, fui

acordá-la. E lá estava ela, morta, sem nem dizer adeus. Gritei e chorei até não poder mais. Durante sete anos, aquela mulher tinha sido o meu mundo inteiro.

Depois que ela partiu, o capitão, já velho e sem nunca ter se casado, resolveu trazer pra casa uma esposa jovem, vinte anos mais nova que os seus 40. Eles me tiraram da casa-grande, porque o capitão não queria que a D. Martha soubesse de mim.

Lá na casa da cozinha, a Mama Mae não se importa que o capitão seja meu pai. Ela me diz que não vai me fazer bem nenhum e que as coisas podem até ficar mais difíceis se eu sair por aí anunciando isso. “Océ aprende a cozinhar, que desse jeito eles não se livra de ocê”, dizia ela. O tempo passou e eu faço o que a Mama manda, mas isso não quer dizer que eu ache que o capitão está agindo direito comigo.

Desta vez, a Dory e a Mama dizem que vai levar muito tempo pra D. Martha se acalmar. Mas pra ela é sempre difícil quando o capitão vai embora. É claro, quase toda vez que ele volta pra casa, ela fica de barriga. O problema é que esses bebês não vivem muito. Ela já enterrou dois. Toda vez que vem e morre mais um, ela toma mais daquelas gotas. Quando o capitão vai embora, a D. Martha só fica dentro daquela casa, vagando de um cômodo pra outro. E, além disso, assim que o pai vai embora, o Marshall volta a me atormentar, me atirando pedras quando trabalho na horta. Ele é sonso. Só faz isso quando não tem ninguém olhando. Sei que ele acha que eu é que sou o problema da mãe dele. Às vezes me pergunto o que aconteceria se eu o mandasse sentar e dissesse: “Ei, garoto, sabia que você está jogando pedras na sua irmã mais velha?” Mas acho que isso é assunto do capitão.

Contrariando tudo que é certo, tenho que cozinhar pra D. Martha e pros meus irmãos lá na casa-grande, e às vezes, especialmente quando o capitão está em casa, fico pensando em como isso está errado. E aí, cuidado! Sai panela voando pra todo canto.

Agora tenho 18 anos e sou grande o bastante pra saber o que eu quero. Esta casa da cozinha é o meu lar e, haja o que houver, não saio daqui por causa de ninguém. Não me interessa o que os outros dizem. Não quero nenhum papel de alforria. Isso é só um jeito de o capitão me tirar daqui.

CAPÍTULO 3

Lavinia

QUANDO A BELLE ACHOU a boneca roubada da Beattie embaixo do meu catre, lá no quarto de cima, ficou furiosa e insistiu em que eu a levasse no mesmo instante para a cozinha.

– Por que ocê pegou isso? – perguntou a Mama Mae, quando lhe entreguei a boneca.

Eu me encolhi, com o dedo na boca.

– Eu disse, ela é sonsa... – começou Belle.

– Belle! – a Mama a interrompeu. – Esta é a melhor coisa da Beattie – disse-me em tom severo.

Sem conseguir suportar a zanga dela, corri para os fundos da casa da cozinha e passei o restante da manhã escondida atrás da pilha de lenha. Mais tarde, voltei pé ante pé, subi a escada e peguei no sono, esperando a Mama Mae ir embora.

Só apareci na manhã seguinte, quando ela me chamou com uma voz que não admitia recusa. Devagar, desci a escada e fui até onde estavam as gêmeas, ao lado da mãe. A Beattie deu um passo à frente e me entregou um pacote embrulhado num pano de cozinha. Dentro havia uma boneca de tranças vermelhas e corpo de pano branco; ela usava um vestido marrom e um avental do mesmo calicô verde do pano da cabeça da Belle.

– A mamãe fez ela pr'ocê – disse a Fanny.

Segurei a boneca, com medo de acreditar na menina, e olhei para a Mama Mae. Ela meneou a cabeça e disse:

– Agora ocê tem uma coisa sua.

Em julho daquele primeiro ano, minha saúde foi melhorando, mas minha memória, não. Eu era calada, mas me incentivavam a falar, porque todos achavam divertido o meu sotaque irlandês. Minha aparência era um tema frequente de discussão. A Fanny torcia para que as sardas do meu nariz se espalhassem e dessem mais cor à minha pele alva. A Beattie vivia tentando afofar o meu cabelo

ruivo por cima das minhas orelhas pontudas, e até a Belle comentou o tom estranho dos meus olhos cor de âmbar. Quando entreouvia essas críticas, a Mama Mae me dizia para eu não me preocupar e garantia que um dia eu desabrocharia. Já então eu adorava a Mama e vivia para que ela me notasse. Mantinha distância da Belle, dividindo os cômodos com ela, mas vigiando-a de perto; ela cuidava de mim, mas ficava tão pouco à vontade comigo quanto eu com ela.

Durante o dia, a Mama Mae me estimulava a sair com as meninas. Era comum descermos até os celeiros onde o Papa George trabalhava. Foi lá que conheci o irmão mais velho delas, o Ben. Ele era da idade da Belle, 18 anos, e ainda mais alto que o pai. Por causa do seu tamanho, seria fácil eu me assustar com ele, mas fiquei encantada.

O Ben era um homem simpático, de riso grave e caloroso, e eu observava com inveja enquanto ele implicava gentilmente com as irmãzinhas. Ele deve ter sentido pena de mim, porque logo me incluiu, e passou a me chamar de passarinho. Como é que eu podia voar de dedo na boca?, perguntou. Depois desse comentário, decidida a agradá-lo, tratei de manter minha mão longe do rosto sempre que estava na presença dele. Depois dessa primeira apresentação, meu único pedido às gêmeas, todas as manhãs, era para ver o Ben. As meninas implicavam comigo e, um dia, quando entreouvi a conversa, a Belle me perguntou:

– Você gosta do Ben?

Apesar de sem graça, fiz que sim com a cabeça. Ela me sorriu, pela primeira vez na vida.

– Pelo menos você tem juízo – comentou.

Passei a separar um pouquinho da minha refeição noturna e, de manhã, mal podia esperar para levar minha oferenda ao Ben. Ele nunca deixava de manifestar surpresa e sempre comia com grandes demonstrações de prazer. Um dia, como retribuição, me deu de presente um ninho de passarinho que havia encontrado. Nem toda a riqueza do mundo seria capaz de comprá-lo de mim, e ele veio a ser o primeiro da minha coleção de ninhos abandonados. Com cuidado, coloquei-o no chão junto ao meu catre, ao lado da minha preciosa boneca.

As gêmeas e eu estávamos brincando no rio na tarde em que o Jimmy, um rapaz do alojamento, roubou a tábua. Não sabíamos nadar, por isso chapinhávamos com água pelo joelho, perto da margem musgosa, jogando a água clara para o alto e rodopiando nela, até ficarmos exaustas. Estávamos descansando na margem quando, de repente, a Fanny levou o dedo à boca, pedindo que ficassemos caladas. Fomos atrás quando ela rastejou para uma moita densa e

afastou as folhas, deixando-nos ver um rapaz negro a uma pequena distância, rio abaixo, agachado à sombra do depósito da nascente. Eu sabia que essa construção guardava manteiga, queijos resfriados e, muitas vezes, alguns doces, e meu primeiro pensamento, quando vi o peito nu e magro do rapaz, foi que ele parecia faminto.

Ele olhou para os lados e, não vendo ninguém, correu para a construção seguinte, o defumadouro, que guardava o estoque anual de carne. Um odor penetrante de fumaça de nogueira vazava da construção, na qual ficavam os cortes salgados de carne de porco e de boi, pendurados em traves. Fanny e Beattie prenderam a respiração quando o homem abriu o trinco e entrou. Beattie cochichou que a porta deveria estar trancada e que o Papa George tinha a chave.

Ficamos olhando até vê-lo de novo. Ele saiu, mas não levava carne. Em vez disso, carregava uma tábua embaixo do braço: parecia uma tábua de piso de cerca de um metro de comprimento. O rapaz voltou correndo para a proteção do depósito da nascente e, depois de uma pequena pausa, virou-se e disparou pelo arvoredo, descendo a encosta em direção ao alojamento.

Corri atrás das meninas quando elas saíram à procura do Papa George. Fomos encontrá-lo com a Mama Mae no galinheiro, ajudando-a a pegar uma galinha. Quando estávamos dobrando a quina, ele pegou uma ave cacarejante e a segurou pelos pés.

– Papai! – chamou Fanny, ao corrermos para ele. – Papai! O Jimmy, lá do alojamento, pegou outra tábua do defumadouro.

A Mama Mae tirou a galinha da mão do marido e foi para os fundos do galinheiro. Nós três os seguimos, e o Papa George e ela começaram a brigar.

– Isso tem que acabar – sibilou a Mama Mae.

– Eles precisa do sal – disse o Papa George e saiu em seguida.

Furiosa, a Mama Mae bateu com a galinha no cepo.

Virou-se e olhou para nós três.

– Ocês não viu nada – disse, antes de levantar uma machadinha e, de um só golpe, decepar a cabeça da galinha.

Jogou no chão o corpo da ave, de cujo pescoço o sangue jorrava. A cabeça ficou caída, enquanto o corpo permaneceu de pé, apavorando-me com sua mórbida dança da morte. Virei-me e corri para a casa da cozinha, passando pelo Papa George, que ia para o defumadouro com uma tábua para substituir a outra. Belle estava no quintal da cozinha, vigiando um caldeirão de água que fervia sobre uma fogueira montada do lado de fora. Surpreendi a nós duas ao correr e me agarrar à segurança das saias dela.

Quando a Mama Mae veio atrás, foi um alívio eu ver que a galinha, que ela segu-

rava pelas pernas, agora estava imóvel. Fiquei junto da Belle e vi a Mama mergulhar a ave na água escaldante. Quando a tirou, não esperou que esfriasse para depená-la. Achei que estivesse zangada, mas, depois de eviscerar a galinha, ela me chamou para eu ver como as entranhas guardavam um ovo perfeitamente formado.

– Viu? Não tem motivo pra ficar com tanto medo. A Mama só tava matando uma galinha – disse. Em seguida, deu-me o ovo para eu comer na janta. Ainda estava morno.

Semanas depois, fui com as meninas ver as crianças do alojamento. As gêmeas eram proibidas de ir lá sem a Mama, mas a Fanny, já rebelde, convenceu a Beattie e eu a irmos.

O alojamento dos escravos ficava quase na base do morro, margeando o rio. Ao sairmos da floresta, nós nos aproximamos das cabanas pelos fundos, onde telhados de meia-água protegiam pilhas de lenha. As cabanas eram de toras de madeira sem acabamento, com as brechas vedadas por barro. Cada uma tinha duas portas e uma parede no meio, que criava duas casas separadas. Quando espiamos o interior de uma delas, o cômodo pareceu pequeno. Havia enxergas empilhadas num canto e um caldeirão preto de ferro junto à lareira. Colheres de pau pendiam de ganchos na parede e havia uns trapos pendurados num pedaço de corda, preso de um lado ao outro do cômodo. Sob uma janelinha aberta vojavam moscas, na busca infrutífera de migalhas sobre a mesa improvisada e as tigelas de madeira nela empilhadas.

A Fanny disse que era lá que moravam o Jimmy e seus muitos irmãos. Contando nos dedos, foi dizendo o nome de cada um.

– A mãe deles é a Ida, e ela teve um montão assim de menino. – E sorriu, levantando seis dedos.

Ouvimos crianças e seguimos o som. Passamos por algumas cabanas duplas e várias pequenas hortas. Ao contornarmos a última cabana, vimo-nos num grande terreiro. A uma pequena distância ficava uma casa revestida de ripas de madeira, e a Beattie sussurrou que era lá que morava o capataz, longe dos outros.

– Ele é branco – cochichou no meu ouvido.

Do centro do terreiro, uma mulher idosa nos cumprimentou:

– Eita, se num é a Fanny mais a Beattie! – Endireitou as costas magras e recurvadas o melhor que pôde e continuou a mexer o conteúdo de uma panela preta que fervia sobre um lume aberto. – Ocês tá aqui pra cumê? – perguntou.

Atrás dela, um grupo de crianças observava com atenção.

– Não, tia. A gente tem que voltar agora mesmo – disse a Fanny.

– E essa aí é quem? – Os olhos negros da velha me examinaram.

– Essa é a Abinia, tia. A Belle é a nova mãe dela – respondeu Fanny, para quem dei uma olhadela, intrigada com o título que dera à Belle.

– Hu-hum – murmurou a velha, me olhando de cima a baixo antes de voltar ao seu trabalho.

Chamou dois meninos para ajudá-la a tirar a panela do fogo e pô-la de lado para esfriar.

Quando ela pegou uma grande pá de madeira para tornar a mexer o angu, captei um sopro agradável do aroma de carne de porco salgada, mas me surpreendi ao vê-la mexer no fundo um pedaço de madeira. Ela olhou em volta com cuidado antes de retirá-lo, depois o jogou depressa no fogo. Não tenho certeza de como eu soube, mas reconheci que aquele era um pedaço da tábua que o Jimmy havia furtado do defumadouro.

Com a ajuda dos meninos, ela verteu o angu quente numa gamela não muito diferente da que o Papa George usava para alimentar seus porcos. Uma garota alta despejou o leite de um baldinho de madeira por cima do fubá que endurecia, e a velha usou sua pá de cozinha para misturar os dois. Quando fez sinal para as crianças, elas correram ansiosas para sua refeição. Alguns dos pequeninos agarraram-se aos irmãos mais velhos e foram acomodados num ou noutro colo, ou instalados junto à gamela, da qual todos começaram a comer. Algumas crianças seguravam pedaços finos de madeira para ajudar a pegar o alimento, porém a maioria não usava nada além das mãos sujas, e a mistura amarela não tardou a escurecer. Ao ver a fome delas, senti uma profunda familiaridade e virei para o outro lado, com a cabeça ansiosa por manter afastadas umas lembranças que eu ainda não estava preparada para resgatar.

Voltamos à casa da cozinha a tempo de fazer a nossa própria refeição vespertina. Nesse dia, nossas tigelas de madeira continham uma batata-doce assada, uma generosa fatia de presunto cozido e uma espiga de milho-doce. Senti culpa quando comecei a comer, lembrando-me das crianças que acabáramos de deixar, mas a causa da minha culpa mudou depressa, quando ouvi a Fanny mentir para a Mama Mae sobre onde havíamos passado a tarde.

Com a aproximação do tempo frio, nossas responsabilidades aumentaram. As meninas foram levadas para a casa-grande para aprender coisas com a Mama Mae, enquanto eu ficava com a Belle. Quando a Fanny torceu o nariz para o

trabalho doméstico, a Mama a fez sentar na casa da cozinha e, ao alcance dos nossos ouvidos, meus e da Beattie, passou um sermão na filha:

– Ocê tá pensando o quê, Fanny? Tá esquecendo que é escrava? Será que ocê já não sabe que, na hora que o capitão quiser, ele pode te vender? Na hora que a D. Martha disser que quer ocê fora daqui, ocê vai pra fora daqui.

– É só eu dizer que não, que eu vou ficar – rebateu Fanny, insolente.

A voz da Mama tremeu:

– Ocê escuta bem, minina. Vou lhe dizer o que acontece com quem diz não pra um branco. Eu vi o meu pai levar um tiro quando ele selou e montou uma mula pra ir buscar ajuda pra minha mãe doente. Ela tava tendo neném, gritando por socorro. Eu tava parada bem ali, quando aquele sinhô mandou o meu pai descer da mula. Quando meu pai disse “Não, eu vou catar ajuda”, o patrão velho atirou nas costa dele. Naquela noite, só consegui afastar as mosca enquanto via minha mãe morrer. Quando aquele sinhô velho me vendeu, disse que eu não prestava pra nada além dos campo. E foi lá que eu cresci, dando um duro danado, junto com a Ida, até o dia que a velha Siá Pyke me chamou lá na casa-grande pra dar de mamar à Belle. Não demorei pra ver o que eu tinha de fazer pra ficar lá. Trabalhei pra Siá Pyke como quem não sabe o que é cansaço. Não tinha nada que eu não fazia. “Sim, Siá Pyke, nhá dona tem razão, Siá Pyke”, era só o que eu dizia. Ocês olha bem pra mim. Eu finjo que não tenho cabeça pra pensar, só pra deixar todo mundo da casa-grande feliz. É porque eu quero continuar aqui, e tô fazendo tudo que eu posso pra ocês ficar comigo. Não tem nem um dia que eu não digo: “Brigada, Senhô, por me mandar pra casa-grande e por me dar o capitão pra ser meu amo.” Sei que não tem nada de certo em ser escrava, mas, pra quem é que eu vou dizer isso? Agora, Fanny, se ocê inda tá querendo ser vendida, ocê vai perguntar pro pai como foi que ele chegou aqui. E aí ocê se prepara, porque ele vai chorar quando contar e, quando ele tiver acabado, ocê vai tá chorando também.

De olhos arregalados, nós três não tínhamos nada a dizer quando a Mama Mae terminou.

No fim daquele mês, as gêmeas me falaram de um recém-chegado, um outro adulto que tinha ido se juntar à família. Vinha da Inglaterra e era preceptor, elas disseram, mandado pelo capitão para dar aulas aos seus filhos. Quando a Fanny declarou não gostar dele, não me lembro de ter lhe perguntado por quê.

É claro que eu ficava curiosa com a casa-grande e as crianças de lá, mas as meninas me contaram que não viam os moradores com frequência. Quando isso

acontecia, eram instruídas a não puxar conversa, mas a cumprimentar com um aceno da cabeça e continuar seu trabalho. Quando a Beattie confirmou o que a Fanny tinha falado, dizendo que o trabalho delas, de varrer e limpar os pisos, era cansativo e sem graça, parei de me incomodar por ser mantida na cozinha.

A Belle foi amolecendo comigo e, quando isso aconteceu, fiquei ainda mais ansiosa por agradá-la. Já era minha responsabilidade dar milho e farelo às galinhas e, por isso, fiquei duplamente orgulhosa no dia em que ela me incumbiu de ir ao galinheiro recolher os ovos. Quando o Papa George me viu saindo de lá, veio andando na minha direção. Ansiosa por brilhar na minha nova responsabilidade, depusitei trabalhosamente o cesto cheio de ovos no chão e fechei o portão com todo cuidado.

– Ocê cuida bem das galinha, Abinia – disse-me. – Ocê é uma boa menina.

Seu sorriso irradiou-se pelo meu coração solitário e o abriu de repente para uma nova possibilidade.

– Papa George – perguntei –, a Dory é sua filha?

– É, sim.

– E a Beattie e a Fanny são suas filhas?

– Mas ora se são – disse ele.

– Papa – acrescentei –, a Belle é sua filha?

– Por que ocê tá perguntando isso tudo, minina?

– Eu estava pensando, Papa... – comecei, mas parei e me concentrei no dedão do pé, desenhando um risco no chão.

– Fala, minina. Ocê tava pensando o quê? – ele me incentivou.

– Eu também posso ser sua filha? – perguntei depressa.

O homem alto e espadaúdo desviou os olhos antes de responder.

– Ora, ora – disse, como se considerasse profundamente o assunto. – Olha que eu acho que ia gostar muito disso.

– Mas eu não sou parecida com as suas outras filhas – retruquei, com medo de ele não ter notado.

– Quer dizer, porque ocê é branca?

Assenti.

– Abinia – disse ele, apontado para as galinhas –, olha praquelas ave. Umas é marrom, umas é branca e preta. Ocê acha que, quando elas têm pintinho, aquelas mães e papais se incomoda com isso?

Sorri para ele, que apoiou sua manzorra na minha cabeça.

– Acho que acabei de arranjar mais uma fiota – disse, bagunçando o meu cabelo – e essa eu vou chamar de Abinia. Mas quem diria! Eu digo “Brigado, Senhô”! Ora se não sou um sujeito sortudo!

Fui saltitando por todo o caminho de volta para casa. A Belle me deu uma bronca quando achou um ovo quebrado, e jurei que seria mais cuidadosa da próxima vez, mas o meu coração alegre não pedia desculpa nenhuma.

Caía uma neve fina na noite do início de dezembro em que a Mama Mae trouxe para a cozinha aquecida o bebê Henry, que estava aos gritos. As gêmeas a seguiram e nós três nos sentamos juntas, vendo a Belle e a Mama Mae aplicarem compressas quentes nos pés e nas mãos inchados do bebê. Mas os gritos agonizados não cessavam.

– Fanny, vai lá buscar a Dory. Siá Martha passou o dia inteiro tomando as gotas preta, e agora com certeza tá dormindo. O tio Jacob fica de olho nela até a Dory voltar.

Fanny virou-se para sair correndo e Mama Mae a chamou:

– Diz pra Dory trazer as gotas preta.

Quando chegou, Dory tentou consolar seu bebê, dando-lhe de mamar. Cheio de dor, ele recusou até esse alívio, jogando a cabeça para a frente e para trás. Dory começou a chorar.

– Mamãe, o que eu posso fazer?

– Ele num tá bom, benzinho – disse a Mama Mae à filha mais velha. – Já vi isso lá no alojamento. A gente dá as gota pra aliviar a dor dele.

A Mama Mae segurou o vidrinho marrom que a Dory tinha trazido da casa-grande e misturou um pouco do líquido escuro com água morna. Dory segurou o bebê, enquanto Belle lhe abria a boca e a Mama pingava cuidadosamente a mistura dentro dela. O neném tossiu ao engolir, mas, para nosso grande alívio, logo caiu num sono profundo. Mais tarde, houve uma batida leve e o tio Jacob entrou.

– Siá Martha tá chamando, Dory – anunciou. – Ela quer ocê já.

A Mama Mae pegou o bebê Henry do colo da Dory.

– Pode ir – disse –, agora ele vai dormir.

Depois que a Dory saiu, a Mama Mae mostrou os pés e mãos inchados do bebê ao tio Jacob. Ele balançou a cabeça e disse:

– Ele num vai ficar muito tempo por aqui.

– Vai ser difícil pra Dory – disse a Mama Mae.

– Difícil pro Jimmy também – acrescentou a Belle. – Não esqueçam que ele é o pai. Todo dia, tudo que ele quer é ver a Dory e o seu minininho, mas tem de ficar longe. O capataz avisou que, se achar o Jimmy de novo perto da Dory, vende ele. Diz que o Jimmy é lavrador, então tem que ter uma mulher do campo, e não tem nada que andar atrás de uma garota da casa-grande.

– Ninguém perguntou pro capitão se a Dory pode pular a vassoura com o Jimmy? – indagou tio Jacob.

– O Rankin diz que o capataz é ele. Quer dizer que é ele que manda, e é ele que diz quem casa com quem – respondeu a Mama Mae. – Aquele Rankin só quer fazer mardade.

Quando a Mama Mae reparou na presença de nós três, as gêmeas foram mandadas para casa e eu para a cama, lá em cima. Depois que o tio Jacob se foi, ela ficou com o neném e se sentou junto ao fogo, para conversar com a Belle. Peguei no sono, reconfortada pelas vozes baixas e suaves das duas.

O bebê Henry morreu naquela noite. De manhã cedo, o Papa George chegou com uma tábua pequena, em cima da qual a Mama Mae e a Belle improvisaram uma enxerga miúda. A Dory ficou perto da porta, segurando o neném que já não fazia mais barulho. A Mama foi até ela:

– Me dá o minino – disse, baixinho, estendendo as mãos para o bebê Henry.

– Não, mamãe. – E Dory virou-lhe as costas, segurando sua trouxinha.

O Papa George aproximou-se e pôs os braços sobre os ombros magros da filha mais velha:

– Dory, agora ele tá bem, tá lá com o Senhô. Dá ele pra Mama.

Com gestos lentos, Dory estendeu o bebê Henry.

– Inhora arruma ele, mamãe? Inhora foi sempre muito boa com ele, mãe – pediu.

Belle pegou a Dory pelo braço e a conduziu para o lado de fora. Da porta, fiquei vendo as duas passarem pelos celeiros e entrarem na floresta. Caía a neve, estendendo um lençol limpo, de um branco imaculado. A Mama Mae esperou que elas se afastassem e voltou para o Papa George. Deitou o bebê Henry na enxerga e, juntos, usando um pano marrom comprido, ataram o corpinho à tábua de madeira. Quando terminaram de enfaixá-lo, a Mama olhou para o Papa George, as lágrimas escorrendo por seu rosto redondo.

– É melhor pra esse menino ir embora, eu sei disso – falou –, mas tenho medo que ele leve junto o coração da Dory.

– A nossa menina vai ficar bem – disse o Papa, e enxugou o rosto da Mama com os dedos.

As gêmeas estavam lá, e também choravam. Eu não. Eu me sentia vazia e, quando todos saíram para o enterro, deixei-me ficar, até que, apavorada com o isolamento, corri atrás deles para o cemitério próximo do alojamento.

Fiquei abrigada pela copa das árvores para observar. O Ben estava parado

junto a uma covinha de nada, que tinha cavado ao lado de outras pequenas sepulturas, marcadas por pedras pontiagudas. Quando baixaram à terra o corpo do bebê Henry, a Dory soltou uma série de uivos de dor, longos e dilacerantes. Apanhada pela onda da tristeza dela, minha mente voou para longe. Foi como se um véu se rasgasse e eu deixasse aquele lugar de tristeza para entrar num outro, mais profundo, um lugar em que estava a outra eu, a que ficara perdida até esse dia. Eu me revii a bordo do navio, sem conseguir suportar seu balanço violento nem a náusea desesperada do meu vômito.

O corpo amortalhado tornou-se o da minha mãe. Revi o momento em que o baixaram nas profundezas das águas revoltas, deixando-o ir para longe. Dias antes, meu pai tinha aberto o caminho; também fora para as águas. Olhei em volta, buscando na neve o meu irmão, Cardigan. Certa de tê-lo ouvido chamar, saí à sua procura.

Jimmy, o pai do bebê Henry, me achou e me levou para a casa da cozinha. Eu tinha ficado sumida o dia inteiro. À noite, depois de escurecer, indo sozinho chorar a perda do filho, Jimmy havia topado comigo na floresta.

Dizem que passei quase dois dias balançando o corpo, em silêncio. Por fim, a Mama Mae se aproximou. Sentou-se perto de mim no meu catre e mandou a Belle e as gêmeas saírem.

– Abinia – disse, em tom firme –, por que ocê tá balançando desse jeito?

Continuei a oscilar feito louca, me agarrando à lembrança da dor, à lembrança da minha mãe. Não podia soltá-la, senão a perderia outra vez.

– Abinia – ela repetiu, tentando me manter parada –, ocê diz pra Mama Mae por que tá balançando desse jeito. – Segurei meu rosto e forcei meus olhos a encontrarem os seus. – Ocê fala com a Mama. Ocê tem que falar, Abinia. Num vai assim pra longe. Ocê fala com a Mama. Ocê diz pra ela qual é o problema.

Tentei me afastar, precisando da força do movimento para acalmar a náusea, mas a Mama pegou o meu corpo balançante e o pôs no colo. Apertando-me contra seu peito forte, diminuiu meu ritmo, para igualá-lo ao seu.

– A Mama vai tirar essa dor de ocê – disse.

Ao balançarmos para trás, ela respirava fundo e me puxava para si, e ao balançarmos para a frente, exalava em fundos gemidos guturais a dor que eu estava retendo.

Para a frente e para trás ela oscilou, trazendo à tona o veneno purulento do pesadelo que eu escondia. Tentei respirar com ela, mas minha respiração vinha em arfadas curtas, e eu tinha a sensação de estar me afogando.

– Agora, ocê conta pra Mama.

Murmurei o meu horror:

– O bebê Henry está na água.

– O bebê Henry num tá na água. Aquele neném tá com Deus. Tá num lugar bom. Tá rindo e brincando com os outros filho do Senhô. Ele não sente mais dor! Está num lugar bom.

– A minha mãe está na água – tornei a murmurar.

– Abinia, a sua mamãe tá com Deus, que nem o bebê Henry. Aliás, agora mesmo, ela tá segurando o bebê Henry e os dois tão brincando junto. Escuta só, quase dá pra ouvir a risada deles. Este mundo aqui não é a única casa. Este mundo é pra gente praticar, pra fazer as coisa direito. Às vez, o Senhô diz: “Não, aquela mamãe, aquele bebê Henry, eles é meigo demais pra continuar longe de mim. Agora eu trago eles pra casa.” Eu sei que é assim, Abinia – garantiu, ancorando-me com seus braços sólidos e suas palavras de convicção. – A Mama tá dizendo que tem hora que a gente tem de confiar no Senhô.

De algum modo, escutei a verdade da Mama Mae e meu coração acreditou nela. Tendo reencontrado meu passado, agarrei-me a essa mãe que agora me dava meu futuro.

– Mamãe! – gritei meu lamento. – Mamãe! – Meus gritos enfim libertaram as lágrimas que eu havia guardado desde a minha chegada.

– Mamãe tá aqui – ela me tranquilizou. – Mamãe tá aqui.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br